

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

# CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. III | N° 39 - FEVEREIRO 2024

## A ELITE FINANCEIRA



# O Rei de Copas

# EDITORIAL

A Revista Conhecimento & Cidadania foi criada por uma família e amigos com o propósito de levar compreensão dos acontecimentos atuais e históricos ao maior número de pessoas possíveis. E exatamente por isso ela é totalmente gratuita e digital.

---

**Leandro Costa - Editor-Chefe**  
**Munique Costa - Editora Adjunta**  
**Pedro Costa - Editor Auxiliar**

---

## **Produção e Designer**

Edson Araujo  
Leandro Costa  
Munique Costa

## **Redação**

Edson Araujo  
Leandro Costa  
Munique Costa  
Pedro Costa

## **Colunistas**

Danielle Jesus  
Edson Araujo  
Erika Figueiredo  
Juliette Oliveira  
Leandro Costa  
Mauricio Motta

---

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

---

 Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania

 revistaconhecimentocidadania@gmail.com

 @revistaconhecimentocidadania

 @revistaconhecimentocidadania

 @RevConhecimento

 @conhecimentocidadania



# Leandro Costa

## EDITOR-CHEFE

Servidor público,  
advogado impedido,  
professor de Direito,  
autor do livro: Direito nas  
Escolas e Diretor na  
ABRAJUC.

Revista Conhecimento &  
Cidadania  
Vol. III – Nº 39  
Fevereiro de 2024  
Rio de Janeiro – RJ  
Menezes Costa  
CNPJ 28.814.886/0001-26  
ISSN 2764-3867

# COLUNISTAS

## LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

## EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

## JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

## MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

## ERIKA FIGUEIREDO

Promotora de Justiça. Escritora, Professora/Palestrante. Colunas Tribuna Diária/Conservador Parahyba.

## DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spotfy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

## A elite financeira, o Rei de Copas



Chegamos à terceira e última das elites globais apresentadas por Olavo de Carvalho, a elite financeira e intelectual composta por grupos que se propõe à construção de um mundo conforme seus anseios, usando de narrativas e muito poder econômico para guiar as massas como rebanho em seus latifúndios humanos experimentais, acreditando-se iluminados e capazes de produzir um mundo melhor que Deus, ou se julgando deuses em si. Tais figuras macabras, ora se esgueiram pelas sombras, ora se expõem como baluartes da salvação da humanidade.

Antes de tratar do tema central, como feito nos [textos anteriores](#), é importante explicar a figura do naipe de copas, ilustrada por um coração, segundo alguns, simbolizava o clero na sociedade francesa medieval, portanto, o leitor pode se perguntar qual a relação entre a elite financeira e o clero, uma vez que, em tese, o naipe de ouros, que simbolizava a nobreza, seria mais adequado, tendo sido usado quando tratamos do [Califado](#).

A escolha teve dois pontos determinantes, no caso do Califado, era preciso desassociar às forças que governam as nações islâmicas e a fé do indivíduo, em que pese, tenha sido evidenciado que, no mundo islâmico, tal distinção, de fato, não existe. Todavia, não seria de bom alvitre, uma generalização robusta que pudesse induzir que todo adepto da fé islâmica coadune dos planos expansionistas dos líderes políticos e religiosos, por mais que lhe seja vedado se opor à ambição dos que pretendem a criação de um

*Leandro Costa*

califado. Em resumo, a fé islâmica não se opõe aos anseios dos que buscar a imposição de um califado mundial, todavia, não é uma preocupação norteadora de todos aquele que adepto do islão. O naipe de ouros, pretendia ligar, ao menos de forma explícita, tal ideia às lideranças.

Os [eurasianos](#) foram representados pelo naipe de paus, que simboliza a plebe, justamente por usar do sentimento nacionalista artificialmente construído, como uma apelo por seus líderes, tais como, o Princípio de uma só China ou a expressão Mãe Rússia, fazendo com que o povo sonhe com uma grande nação eurasiática dominante e próspera. Por isso, a identificação popular é essencial para suportar os planos, em que pese, o naipe de espadas, que simboliza os militares, pudesse ser utilizado, a escolha depreendeu-se do apelo ao conceito de povo.

No caso da elite financeira e intelectual apresentada pelo pensador Olavo de Carvalho, a escolha pelo naipe de copas deriva da sua capacidade de influenciar os corações, tal como uma fé política bizarra, o que será explicado, como instrumento para guiar as massas ao seu propósito. Por mais que os indivíduos possam se colocar à venda, isso não se aplica a todos, portanto, é preciso aquebrantar a moral para que se naturalize a venda de valores que deveriam ser inestimáveis em uma espécie de escambo humano doentio.

A elite financeira e intelectual se sustenta essencialmente em quatro pilares, quais sejam, o potencial econômico, a produção acadêmica, o controle de informação e a rede de influência. É impossível aos senhores conhecidos como globalistas, garantir o controle sobre uma grande parte de indivíduos somente pelo poder financeiro, pois há quem resista o sufocamento econômico, bem como, não há como segurar as rédeas somente pela formação acadêmica, uma vez que, vozes dissonantes podem quebrar narrativas.

Os pilares formam uma base sólida para a elite financeira e intelectual, todas atuam de forma harmônica, mas para compreendê-las é necessário uma análise em separado.

### **A capacidade econômica, o pulmão da fera.**

Através do poder monetário, a elite pode expandir sua influência por diversas frentes, comprando, corrompendo ou sufocando qualquer um que seja considerado interessante para a sua agenda, se consideramos que empresas como a Blackrock, Vanguard, Fidelity, State Street Corp e Morgan Stanley, [controlam quase trinta trilhões de dólares](#), valor superior ao PIB dos Estados Unidos da América, podemos ter a dimensão que tais empresas, se somadas, poderiam ser consideradas a maior nação do mundo.

Evidente que o astronômico valor nas mãos dos grupos acima não pertencem diretamente aos seus gestores, sendo dinheiro de investidores que aplicam como investimento, entretanto, não há como negar

*Leandro Costa*

que o poder de barganha dos gestores de tais empresas é quase que insuperável. Somente a Blackrock, que administra um valor muito superior ao PIB brasileiro, poderia causar grande impacto ao se manifestar em situações políticas, podendo gerar grande pressão sobre investidores, ainda que de menor porte. Nas vésperas das eleições de 2022, com o fim de influenciar ou à título de boato criado pela imprensa, foi veiculada [matéria que ameaçava o mercado brasileiro em caso de reeleição](#), sugerindo que a gigante do investimento não colocaria qualquer centavo em um país enquanto o Chefe de Estado não fosse substituído.

Nota-se que a matéria, caso seja realmente a postura da empresa, pode ser considerada uma flagrante ameaça ao mercado financeiro nacional, uma forma de influenciar diretamente nas eleições, restando o questionamento se a Blackrock é mera gestora do investimento alheio ou se usa dos valores que deveria gerir para promover políticas do interesse de seus gestores, ainda que de forma compulsória e atentando contra a soberania de nações que pretenda influir. Curiosamente, um empresário brasileiro sofreu dura condenação por, em tese, inculcar em seus funcionários o temor de que a empresa poderia ter dificuldades em caso de não reeleição, justamente, por tentar influenciar nos votos daqueles cidadãos.

Evidente que não caberia uma sanção em face da gigante do investimento, haja vista que, a nota atribuída à referida empresa não confirma o teor da matéria, portanto, pode-se considerar a hipótese de imprensa ter dado uma versão própria ao caso para direcionar à Blackrock a responsabilidade pela sua intenção de influenciar nas decisões dos eleitores e operadores do mercado financeiro.

De qualquer sorte, não há como negar que qualquer empresário de grande capital ou político responsável por questões de macroeconomia deveria pensar mais de uma vez antes de “desagradar” os dirigentes de empresas como as mencionadas, considerando que, uma manobra financeiro engenhosamente realizada por uma delas, ou ainda pior, orquestrada por diversas delas, poderia levar à quebra de uma grande empresa com capital aberto, ou mesmo, uma crise econômica em grandes países.

Conhecido como investidor “woke”, o CEO da Blackrock, Larry Fink, também apelidado de “campeão do investimento verde”, clara alusão a sua proeminente postura em defesa da chamada política ESG, deve ser observado como evidência de que a empresa conduz os ativos de seus investidores de forma politizada, utilizando o potencial econômico para influenciar em favor das crenças políticas de seu CEO. Não há como dissociar a Blackrock das políticas progressistas, logo, fica evidente que sua força econômica se presta a elite globalista financeira e intelectual.

Cabe apontar que as demais incorporadoras de investimentos citadas, em especial, a Vanguard e a State Street Corp, também são claramente adeptas de políticas “woke”, sendo consideradas, juntamente como a Blackrock, como partes importantes do chamado “capitalismo woke”.

*Leandro Costa*

Não obstante, a agenda “woke”, palavra que pode ser traduzida como acordado ou desperto, através de sua política ESG, compele diversas empresas e governos a aderirem posturas favoráveis àquelas desejadas pela elite financeira e intelectual, assumindo que, ao afastar investimento ou influenciar nas escolhas de gestores, pode ser o meio para, através do poder econômico, dobrar qualquer um aos seus anseios de poder.

Um dos maiores símbolos da elite financeira e intelectual é o Fórum Econômico Mundial, que congrega toda uma rede de sustentação para as pautas globalistas e atua explicitamente em favor de um determinado projeto de poder. A mais nítida face desta força global apontada por Olavo de Carvalho talvez seja aquela vista nas reuniões em Davos.

O poder econômico não se limita às gigantes gestoras de fundos de investimentos, se apresenta também em outras grandes corporações. Não há como negar que a aderência, nada orgânica, de diversas grandes empresas e conglomerados às pautas progressistas estão gritantes em suas políticas internas e externas, talvez por pressão, como nos casos das investidoras, mas outras tantas, por vontade própria de seus gestores. O importante é ter em mente que, dispondo de uma soma quase impossível de mensurar, a elite financeira e intelectual é capaz de consumir qualquer um que pretenda se opor no que diz respeito ao fator econômico.

O banimento da Rússia do Swift, sistema que integra bancos permitindo a realização de negócios internacionais, em resposta à invasão da Ucrânia, foi uma clara demonstração de como o sufocamento econômico pode ser usado como uma arma. Por óbvio que, diante das circunstâncias, a medida é cabível, mas o que se questiona é se há uma forma de garantir a lisura de que possui meios de aplicar sanções até mesmo à economia de um país, se tais agentes pretenderem sufocar um desafeto político ou qualquer um que denuncie seus arbítrios.

### **A produção acadêmica, o cérebro do monstro.**

Não por acaso o mestre Olavo de Carvalho batizou-a como elite financeira e intelectual aquilo que chamamos popularmente de globalistas, posto que, era necessário chamar a atenção para o fato de que somente a pressão econômica não seria o suficiente para dobrar os mais resistentes e inserir no imaginário popular, as narrativas que pudessem servir aos anseios dos líderes de tal força. Era preciso produzir conteúdo acadêmico suficiente para dominar o cenário, não só no meio intelectual, mas de forma que pudesse se irradiar para toda a civilização.

Olavo de Carvalho cita grupos como “Council on Foreign Relations”, “Bilderberg” e “Trilateral”, apontado, de forma inequívoca, que há indivíduos que se reúnem para traçar metas a serem adotadas

*Leandro Costa*

pelos líderes globalistas, os membros de tais grupos, em verdade, compõem a própria elite, no que tange à parte intelectual.

No âmbito da academia, basta observar que, cada vez mais, a aderência de pautas progressistas torna-se uma imposição, produzindo, as universidades espalhadas pelo mundo ocidental, cada vez mais seguidores de pensamentos consoantes às pautas ora predefinidas. Nota-se que, sem quaisquer lastros científicos, a ideologia de gênero e a utilização de linguagem deformada para atender os anseios das pautas “despertadas”, açodaram o meio acadêmico para que as futuras gerações sequer percebam as distorções que atualmente são empregadas.

A concepção de uma agenda “desperta” ou “acordada” é a presunção de que aqueles que não estão envolvidos por tais pensamentos são “adormecidos”, logo, precisam ser guiados por seres que despertaram, uma nova versão do iluminismo. Em verdade, os despertados vivem em um estado de esquizofrenia, negando a realidade em nome de uma ideologia que percebe tudo como relativo e, portanto, dobrável, à sua vontade.

O exemplo mais claro são as chamadas minorias identitárias, mesmo quando suas vontades se chocam, sendo criações deslocadas da realidade são incompatíveis umas com as outras, tendam a ignorar algo de forma flagrante, fechando os olhos para aquilo que pode ser chamado de paradoxo das minorias, que nada mais é que a colisão entre desejos utópicos que cada grupo minoritário diz defender. O natural conflito entre aqueles que alegam que uma “mulher trans” deve ser reconhecida como mulher e aqueles que defendem que homens não podem ocupar espaços em detrimento das mulheres, surgindo uma impossibilidade real de coexistência, surge a chamada terceira onda do feminismo, negando sua alegada luta para admitir, em caráter excepcional que “mulheres trans” podem concorrer como se mulheres fossem.

A renúncia expressa por parte de um grupo minoritário diante de uma conduta que jamais tolerariam é a confissão de que as lideranças de tais grupos servem a uma elite maior que os faz repetir motes predefinidos mesmo que sejam flagrantemente contrários ao seu discurso revolucionário habitual. Não são raros os autointitulados defensores ferrenhos das minorias, que se ofendem com expressões como “caixa preta”, ou mesmo, “feito nas coxas”, ignorarem solenemente associações como “uma afrodescendente assim, gosta de um batuque, de um tambor”, frase que revoltaria as lideranças dos movimentos raciais se proferida por algum líder político de vertente que não mereça a defesa incondicional dos autointitulados líderes minoritários.

O identitarismo é subserviente aos planos da elite financeira e intelectual, por isso, não goza de autonomia para se opor às elites globais. Os eurasianos deram diversas demonstrações contrárias ao

*Leandro Costa*

anseios minoritários, entretanto, parecem não ser alvos de críticas contundentes, em outro ponto, o Califado também não recebe grande resistência do “despertos” quando se trata de direitos das mulheres ou homossexuais, em verdade, os grupos de ativismo autointitulados LGBTQ+, saíram [em defesa do grupo jihadista Hamas](#) após o início das operações de Israel em Gaza. Estranhamente, não se observam reações enérgicas de lideranças minoritárias contra os terroristas que assumidamente condenam a prática de relações homossexuais.

Ao construir narrativas no âmbito acadêmico, a elite financeira tem um robusto material, ainda que dissonante em relação à realidade, para bombardear a sociedade com teorias capazes de conduzi-la. Um exemplo foram as construções de narrativas durante a pandemia que iniciou esta década, criando um pânico generalizado que induziu a maior parte dos indivíduos a uma aceitação de medidas incoerentes sem quaisquer questionamentos. Os poucos que ousaram buscar explicações ou emitir alertas em relação aos abusos foram nitidamente calados.

O estado de desespero foi o suficiente para justificar restrições que não guardavam relações com o contágio, da imposição de [gôndolas em mercados isoladas](#) à sugestão de máscaras por [indivíduos sozinhos](#) em carros com os vidros fechados. Os testes foram colocados em prática e, no plano geral, a elite percebeu que era capaz de convencer as pessoas a se curvarem diante das medidas mais absurdas.

O que é cunhado pelos pensadores da elite globalista é assimilado por seus seguidores e transmitido, como um efeito de antenas repetidoras, aos demais adeptos das pautas progressistas, fazendo com que, todo aquele que está afeto seja contaminado por ideias produzidas por uma elite que se considera iluminada. Quando uma nova direção é dada, sutilmente, espalhasse uma narrativa para que sigam àquela direção, pautando assim toda uma horda de ativistas e intelectuais subalternos guiados por seus líderes.

Os intelectuais subalternos podem parecer da mais alta extirpe, a nata acadêmica de determinadas instituições, todavia, bebem, sem cerimônia, da fonte de seus senhores, adulando-os e sendo reconhecidos por seus vassallos, justamente, por retransmitirem os comandos dos verdadeiros mestres. Em caráter hipotético, poder-se-ia imaginar alguém cujo status no meio acadêmico decorre de títulos que nada mais são que selos de subserviência aos superiores naquele âmbito, considerado de grande influência pelos neófitos, quando na verdade, seu único valor é poder transmitir os comandos dos verdadeiros líderes e adornar os seguidores com títulos inferiores ao que recebera em troca de sua vassalagem.

Eis o exemplo de escambo humano, no qual a subserviência é a mercadoria desejada por uma elite cuja moeda é a fortuna e o prestígio. Por isso, Olavo de Carvalho denominou, de forma brilhante, de elite financeira e intelectual.

**O controle da informação, a boca da besta.**

Para propagar aquilo que a elite financeira e intelectual pretende, não basta ter o dinheiro para coordenar as ações, tampouco pensar em narrativas, se elas não puderem atingir a maior parte dos indivíduos. É indispensável fazer com que os comandos das elites cheguem aos seus destinatários mais distantes.

No que diz respeito ao aspecto financeiro, corromper toda a civilização seria excessivamente caro e inconcebível, uma vez que, após dilapidar grande parte da fortuna buscando comprar o apoio de uma parcela substancial de indivíduos, não seria possível mantê-los sob controle, igualmente, não há como chamar aos bancos da academia todos aqueles que se pretende alcançar, em especial, em razão das pautas resultarem em grande resistência diante da clara incoerência.

As narrativas precisam ser propagadas por meios de comunicação em massa, por noticiários e pela cultura, por isso, é preciso dominar a produção cultural e os meios de comunicação em geral. O foco, no momento, se restringe a informação direta, ou seja, a transmissão de notícia.

Os meios de comunicação, em geral, são controlados pelas elites, no caso do Califado e do Eurasianismo, entretanto, no caso da elite financeira e intelectual, tais meios parecem integrar o todo, uma vez que essa força política se impõe por meios diversos, alastrando seus tentáculos desde a formação acadêmica de comunicadores aos mantenedores dos meios de mídia. No ocidente, os grandes conglomerados de comunicação, também chamados de mídia mainstream, são nitidamente associados e não confrontam as versões de seus pares, abraçando de forma gritante a agenda globalista.

O esforço na propagação de informações que parecem um coral ensaiado é nítido até mesmo aos leitores menos assíduos, restando claro que há um grande cartel de mídia ocidental, que pode ser subdividido em alguns blocos, mas que, no geral, é apenas um único grupo que atua de forma orquestrada, reproduzindo narrativas cunhadas em um plano superior na estrutura intelectual.

A mídia descentralizada é constantemente combatida, sendo, por vezes alvo de ataques coordenados entre a mainstream e o poder público, tendo em vista que, não há como uniformizar a informação quando os canais atuam de forma independente. Se um comentarista político faz sua análise acerca de um tema, por óbvio que poderá ocorrer uma divergência em relação ao entendimento de outros, um risco quase inexistente quando se trata de uma ação orquestrada.

A necessidade em calar as chamadas vozes dissonantes deve-se ao controle de informação, de maneira que, é preciso que a narrativa proposta pela elite não seja confrontada, ou ruirá diante dos olhos de todos. Por isso, a falsa bandeira do combate à desinformação tornou-se tão urgente, pois, é preciso calar aqueles que podem desmentir a mídia coordenada pela elite financeira e intelectual ocidental.

*Leandro Costa*

As próprias plataformas que hospedam conteúdos produzidos de forma descentralizada lutam para, sem sofrerem considerável revés, obstar a propagação de informações e análises livres do controle dos líderes globalistas, usando mecanismos como o chamado “shadowban”, banimento nas sombras, em que a plataforma reduz o alcance de determinado canal de comunicação, ou mesmo o banimento explícito, reprimindo o uso de palavras que considera inapropriadas aos destinatários, quando a maioria está em desacordo com as pautas estabelecidas pelos globalistas. A pandemia foi um momento em que as plataformas mostraram as garras no que diz respeito às palavras proibidas.

### **A rede de influência, sistema vascular.**

Para que todas as engrenagens se movam, é indispensável a existência de conexões entre elas, por isso, não há como o monstro se sustentar sem um sistema vascular que ligue todo o seu corpo. As corporações metacapitalista, os governos, a mídia mainstream e a academia precisam darem-se as mão para que a elite financeira e intelectual consiga por em prática seu odioso plano.

O Fórum Econômico Mundial, os grupos citados por Olavo de Carvalho e outros tantos, são as oportunidades para que os líderes globalistas se reúnam e tracem metas gerais. O campo intelectual restará incumbido de revestir a narrativa de um ar acadêmico, dando-lhe uma roupagem de cientificidade, mesmo que para isso seja necessário a chancela de um cientista construído e premiado artificialmente, bem como, estudos que visam confirmar a veracidade da teoria, sendo projetos que são desenhados do fim, ou seja, iniciam-se com um resultado predefinido.

Posteriormente, aciona-se o baixo clero acadêmico, publicando diversos trabalhos escorados na narrativa e divulgando-os. Por fim, bastará a introdução no campo geral, sendo inserida em produções culturais ou noticiado na mídia.

O objetivo é naturalizar a narrativa através de toda uma rede de influência que se liga de forma piramidal. Os banquetes nos castelos são os momentos mais oportunos para que os senhores decidam quais os rumos pretendem dar a civilização.

### **A degradação**

A corrosão da civilização ocidental, através da agenda “desperta”, permite à elite financeira o avanço em suas metas, estabelecendo-se no poder, não pela imposição direta da força, como fazem os eurásianos e os adeptos da criação de um califado, mas pelo enfraquecimento daqueles que pretende domar.



A destruição deliberada dos valores que serviram de pedra fundamental para a civilização ocidental, culminará da degradação da sociedade. Atualmente, a renúncia constante em relação à verdade, na qual uma empatia artificial tornara-se uma regra passível de punição, especialmente, por exigir que indivíduos renunciem a verdade em favor da aprovação de desejos fantasiosos, tem feito do ocidente um campo de flores sem espinhos, indefesas e hipersensíveis.

O clamor pela realização de vontades descoladas da realidade empurra uma massa de manobra composta por indivíduos carentes de afeto e aceitação, ao passo que, são incapazes de enfrentar mínimas adversidades. A civilização se transformou em uma figura estranha em que sectos tomados pela loucura seguem uma fé bizarra e hedonista que promete a felicidade em torca de subserviência, conduzindo todos a um desfileiros.

Os idiotas úteis, incapazes de se perceberem como tal, se autodefinem como “despertos”, acreditando serem iluminados e capazes de ver aquilo que os “adormecidos” não podem enxergar, todavia, sequer são capazes de perceber que sua vassalagem sufoca suas pautas e que os líderes jamais vivem a distopia que lhes ofereceram com válvula de escape. Os “despertos” se entregam a uma vida degradada e clamam por soluções artificiais, preferirem o conforto à realidade.

**Leandro Costa**

A fé dos “despertos” é uma forma de buscar o entorpecimento para não encarar a verdade, o que algumas vezes é feito literalmente, entregando-se às fraquezas e vícios para não carregarem o fardo que a vida impõe. Fugir nunca será a solução, somente será o adiamento.

As elites globais, por vezes, se deram as mão em sua escalada ao poder global, entretanto, é natural que em um momento, acreditando ser autossuficiente ou ameaçada por outra elite, que se inicie uma luta para estabelecer quem terá direito ao trono. Ao que tudo indica, o Califado e o Eurasianismo percebem na fragilidade do ocidente uma oportunidade para rumarem em na direção oeste e subjuguem a civilização que outrora se apresentava como forte demais.

O maior problema da elite financeira é que, no processo de degradação da civilização ocidental em sua busca pelo poder, o que era indispensável ao seu nefasto plano, tornou os homens do ocidente presas frágeis aos olhos do Califados e dos eurásianos, encorajando-os a avançar em direção ao crepúsculo.

Relativista e materialista, a elite financeira criou na mente dos mais fracos a sensação de um despertar sem, contudo, esclarecer que seus líderes são déspotas que sonham com a própria apoteose, considerando-se senhores divinos da humanidade.

O malicioso e dissimulado Rei de Copas é uma criatura perigosíssima que envenenou o povo para dominá-lo.

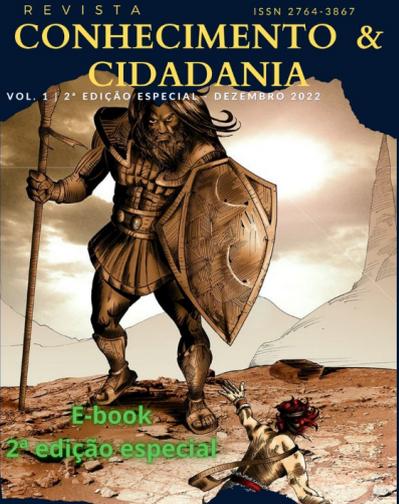
[Acesse nossa livraria](#)



MENEZES COSTA  
COM CONHECIMENTO SE CONSTRÓI CIDADANIA

# Livraria

## Curso Menezes Costa



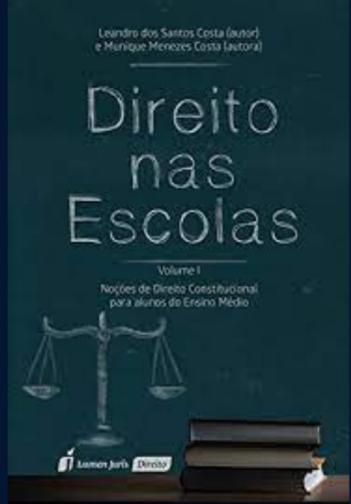
REVISTA ISSN 2764-3867  
**CONHECIMENTO & CIDADANIA**  
VOL. 1 | 2ª EDIÇÃO ESPECIAL - DEZEMBRO 2022

E-book  
2ª edição especial



REVISTA ISSN 2764-3867  
**CONHECIMENTO & CIDADANIA**  
VOL. 1 | 1ª EDIÇÃO ESPECIAL - MAIO 2022

Edição especial



Leandro dos Santos Costa (autor)  
e Muriquê Menezes Costa (autora)

### Direito nas Escolas

Volume 1  
Noções de Direito Constitucional para alunos do Ensino Médio

Lumen Juris | Direito

## A história do povo judeu



Podemos citar diversos povos que existem há centenas de anos, que preservam sua cultura e idioma e que são admirados até os dias de hoje. Mas arrisco dizer que nenhum possui a história mais emocionante do que o povo judeu. E tudo começou com a obediência de um homem.

Após o dilúvio, a terra foi repovoada com os filhos de Noé: *Sem Cam e Jafé*. Dos filhos de Sem vieram os povos semitas. Entre eles estão os *Fenícios, Hebreus, Amoritas, Acadianos, Assírios, Sírios, Caldeus, Arameus, Árabes e Hicsos*.

### ***Abraão***

Em uma cidade chamada *Ur* (dos caldeus), que atualmente compõe a província de *Dhi Qar* do *Iraque*, nasceu *Abrão*. De *UR*, ele e toda sua família partiram de sua terra e foram até *Harã*. Ali, Deus falou com *Abrão*:

*“Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra.” (Gênesis 12:1-3)*

O Senhor apenas disse a *Abrão*: *“Sai!”*. E ele obedeceu. Ele não fez nenhum milagre – como *Moisés* ou *Elias* – nem possuía as Escrituras, que ainda seriam escritas. É por isso que ele é chamado de *“pai da fé”* e:

**Danielly Jesus**

*“Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão.” (Gálatas 3:7)*

Há também outra (possível) razão para ele ter sido escolhido: quando Deus falou com Abrão, tinha este 75 anos. Casado com Sarai, não tinha filhos. Naquela época era comum que os homens tivessem mais de uma esposa, pois um homem com muitos filhos era bem querido na sociedade. Contudo, Abrão manteve-se fiel à sua esposa, ainda que sem filhos. Este é o modelo de família que Deus idealizou, e que o ser humano – por conta do pecado – corrompeu. Ele se tornou um modelo do próprio Deus a ser seguido:

*“Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara, que vos deu à luz; porque era ele único, quando eu o chamei, o abençoei e o multipliquei.” (Isaías 51:2).*

Abrão e Sarai tiveram seus nomes mudados por Deus:

*“Abrão já não será o teu nome, e sim Abraão; porque por pai de numerosas nações te constitui. Far-te-ei fecundo extraordinariamente, de ti farei nações, e reis procederão de ti.” (Gênesis 17:5,6)*

Atenção ao seguinte versículo. Voltarei a ele mais à frente:

***“Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em posse perpétua, e serei o seu Deus.” (Gênesis 17:8)***

Sara, como quase toda mulher, era ansiosa; posso imaginar o que passou pela sua cabeça quando Deus fez a promessa, quando chamou a Abraão: *“Não é possível. Eu ter filhos? Sou estéril e, ainda por cima, estou velha! Que loucura!”*. E teve uma *“brilhante ideia”*.

Quando saiu de Harã, Abraão e Sara passaram pelo Egito (leia em Gênesis 12.10-20). De lá, Sara trouxe uma serva, de nome *Agar*, uma moça jovem e, creio eu, muito bonita (o busto da rainha *Nefertiti* demonstra a beleza das egípcias). A *“brilhante ideia”* de Sara era que Agar gerasse um filho para seu marido – não, não era por meio de inseminação artificial, era do modo tradicional mesmo (risos). Dessa relação, nasceu *Ismael*, que se tornou flecheiro e habitou no deserto de *Parã* (*Arábia*).

Deus cumpriu sua promessa: Sara concebeu, e Abraão o chamou de *Isaque*, que significa *“motivo de riso”* - remetendo não só à alegria da chegada do menino, como também à risada que Sara deu quando Deus, novamente, havia prometido um filho (leia em Gênesis 18.12).

Além das promessas a Abraão, Deus lhe adiantou os percalços que seus descendentes teriam:

*“Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas.” (Gênesis 15:13,14)*

E assim aconteceu.

**Êxodo**

O povo de Israel, após sua chegada ao Egito, residia na Terra de Gosén, lugar dado aos hebreus pelo faraó de José. Foi localizado no Delta oriental.

O povo tornou-se escravo por um faraó que não conhecia José, ao perceber que Israel era mais numeroso e mais forte (leia em Êxodo 1.8-11). Após o tempo determinado por Deus, Moisés foi chamado e se tornou o Libertador.

Com a saída do Egito e início da jornada rumo à terra prometida, Deus procurou preparar aquela gente estabelecendo regras e impondo limites. Moisés se tornou seu legislador.

**Teimosia e incredulidade**

O deserto a ser atravessado para chegar até à Terra Prometida, tinha uma extensão de 200 quilômetros. A previsão de chegada seria 40 dias. Mas os hebreus murmuraram contra Deus e contra Moisés; em vez de seguirem em linha reta ficaram andando em círculos.

Ao se aproximarem da terra, Moisés selecionou um homem de cada tribo para espionarem Canaã. Após dar instruções, liberou-os.

Os espias se apavoraram! Voltaram à Moisés e disseram:

*“E, diante dos filhos de Israel, infamaram a terra que haviam espiado, dizendo: A terra pelo meio da qual passamos a espionar é terra que devora os seus moradores; e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura. Também vimos ali gigantes (os filhos de Anaque são descendentes de gigantes), e éramos, aos nossos próprios.” (Números 13:32,33)*

Diante de tanta teimosia e incredulidade relatada (descrita em quatro dos cinco livros da Torá), Deus determinou:

*“...nenhum dos homens que, tendo visto a minha glória e os prodígios que fiz no Egito e no deserto, todavia, me puseram à prova já dez vezes e não obedeceram à minha voz, nenhum deles verá a terra que, com juramento, prometi a seus pais, sim, nenhum daqueles que me desprezaram a ver. Porém o meu servo Calebe, visto que nele houve outro espírito, e perseverou em seguir-me, eu o farei entrar a terra que espiou, e a sua descendência a possuirá.” (Números 14:22-24)*

**Josué**

Após a morte de Moisés, Deus instituiu Josué, filho de Num, como o novo líder daquela nação. A ele coube a responsabilidade de introduzir o povo em Canaã. Após a destruição de Jericó, Josué dividiu a herança entre as Doze Tribos, exceto a de Levi, pois esta foi separada para o Senhor (leia em Deuteronômio 18.1-2).

**Um rei para Israel**

Por anos e anos, Israel teve juizes escolhidos por Deus para ajudar o povo (um dos mais famosos foi Gideão). Não havia rei, pois o Senhor era o seu rei.

Mas nos tempos do profeta Samuel, os anciãos de Israel vieram até ele pedir um rei, e isto não o agradou. Mais uma vez, a teimosia imperou e rejeitaram a Deus como seu rei (leia em 1ª Samuel 8.7-9).

O primeiro rei de Israel foi Saul; no início, era um homem temente a Deus, mas depois tornou-se desobediente e invejoso.

Davi foi o segundo rei, e o mais amado e respeitado pelo povo até hoje:

*“Achei Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração, ele fará tudo conforme a minha vontade” (Atos 13.22)*

Foi Davi que conquistou *Jerusalém* - que antes se chamava *Jebus, terra dos jebuseus* (leia em 1ª Crônicas 11.4-9).

**O primeiro e segundo templos**

Quando Israel estava no deserto, Deus havia dito a Moises para construir um Tabernáculo móvel; deu as coordenadas de medidas, tipos e cores de tecidos, utensílios e separou a tribo de Levi para servir exclusivamente ao Senhor.

O rei Davi, já na terra prometida, quis construir uma Casa ao Senhor; porém, por ser homem de guerra, tinha as mãos sujas de sangue e não poderia fazê-lo. Então, Deus separou Salomão para realizar este trabalho (leia em 1ª Crônicas 28.3/1ª Reis 6).

Este primeiro templo foi destruído com a invasão de Nabucodonosor, cerca de 587 a.C. O povo foi levado cativo para a Babilônia e lá permaneceu por setenta anos. Isso foi predito pelo profeta Jeremias (leia em Jeremias 25.11-12).

Após o cumprimento da profecia bíblica, o povo de Israel retornou à sua terra e reedificaram o segundo templo. *Ciro, rei da Pérsia*, foi usado por Deus para reintegrar à terra ao povo de Israel (leia em Esdras 1.1-4). A obra foi completada durante o reinado de Dario.

**Império romano e Sírio-Palestina**

O segundo templo foi destruído em 30 de agosto do ano 70 d.C. por soldados romanos liderados pelo general *Tito*, que se tornou imperador no ano 79.

Em 130 d.C os romanos reconstruíram Jerusalém como uma cidade pagã, tendo o templo de Júpiter no lugar do templo judeu. Provocados à rebelião, meio milhão de judeus foram mortos e milhares escravizados.

*Danielly Jesus*

Os romanos, irados, renomearam a terra de Israel, rebatizando-a de **SIRIA-PALESTINA**.

Dali em diante, os judeus que ali viviam foram chamados de palestinos.

### **Diáspora judaica**

Em toda história do povo judeu ocorreram as diásporas; porém a maior de todas iniciou-se em 132 d.C, com a revolta liderada por *Simão Barcoquebas*. Liderou uma rebelião contra o *Imperador Adriano* em uma revolta ligada à renomeação de Jerusalém como *Aelia Capitolina*. Após quatro anos de guerra devastadora, a revolta foi reprimida e os judeus foram proibidos de entrar em Jerusalém.

Durante a Idade Média, devido ao aumento da migração e do reassentamento, os judeus dividiram-se em grupos regionais distintos que hoje são geralmente abordados de acordo com dois agrupamentos geográficos principais: os Ashkenazi do Norte e Leste da Europa, e os Judeus Sefarditas e Mizrahim da Península Ibérica (Espanha e Portugal), Norte de África e Oriente Médio. Estes grupos têm histórias paralelas partilhando muitas semelhanças culturais bem como uma série de massacres, perseguições e expulsões, como a expulsão da Inglaterra em 1290, a expulsão de Espanha em 1492, e a expulsão dos países árabes em 1948–1973.

### **Segunda guerra, antissemitismo e holocausto**

O auge da perseguição contra os judeus iniciou-se nos anos 1930; o *holocausto* e a guerra da Alemanha no leste eram baseados na visão de longa data de Hitler de que os judeus eram os verdadeiros inimigos do Reich e do povo alemão e que o *lebensraum* ("espaço vital") era necessário para a expansão da Alemanha, embora o antissemitismo na Alemanha seja anterior a Hitler (em outro artigo explicarei com detalhes).

As tensões econômicas da *Grande Depressão* levaram muitos na comunidade médica alemã a defender a ideia de eutanásia de deficientes físicos e mentais "*incuráveis*", como medida de economia de custos para liberar dinheiro para outros pacientes. Até os nazistas chegarem ao poder em 1933, já existia uma tendência na política social alemã para salvar os racialmente "*valiosos*", enquanto buscava livrar a sociedade dos "*indesejáveis*".

A propaganda nazista esforçava-se para apresentar o judeu como o grande inimigo do Reich e do povo alemão. Em 1935, num destes esforços, o ministro da propaganda do III Reich, *Joseph Goebbels*, escolheu *Hessy Levinsons Taft* como o modelo de "*bebê ariano ideal*". Entretanto, ele não sabia que ela na realidade, era uma criança judia.

Hitler deixava seu ódio aos judeus explícito. Em seu livro *Mein Kampf*, ele avisou sobre sua intenção de expulsá-los da vida política, intelectual e cultural da Alemanha. Ele não escreveu que iria

**Danielly Jesus**

tentar exterminá-los, mas acredita-se que ele tenha sido mais explícito em privado. Já em 1922, ele teria dito ao major *Joseph Hell*, na época um jornalista:

**“Assim que eu realmente estiver no poder, minha primeira e mais importante tarefa será a aniquilação dos judeus.”**

O historiador israelense *Saul Friedländer* escreve que: *"Nem um grupo social, nenhuma comunidade religiosa, instituição acadêmica ou associação profissional na Alemanha e em toda a Europa declarou a sua solidariedade para com os judeus"*.

Uma característica distinta do genocídio nazista foi o uso extensivo de seres humanos em experimentos “médicos”. De acordo com *Raul Hilberg*, *“os médicos alemães eram altamente nazificados em comparação com outros profissionais, em termos de filiação partidária”*.

Recomendo a leitura do livro *“Crianças de Asperger”*. Nele é relatada a história do médico que descobriu o autismo, *Hans Asperger*, que trabalhou para o Partido Nazista, selecionando quais crianças deveriam morrer.

Como mãe de autista, confesso ao leitor: é uma obra de embrulhar o estômago, mas extremamente necessária.

A libertação dos campos de concentração iniciou em 1944 até 1945.

### **Do mandato britânico da palestina até o estado de Israel**

O *Mandato Britânico da Palestina* foi uma entidade geopolítica sob administração britânica que foi criada com a *Partilha do Império Otomano* após o final da *Primeira Guerra Mundial*. A administração civil britânica na Palestina operou de 1920 a 1948.

O documento foi baseado nos princípios contidos no artigo 22 do *Pacto da Liga das Nações e da Conferência de San Remo* de 25 de abril de 1920 pelos principais aliados e poderes associados após a Primeira Guerra Mundial, quando a *Tríplice Aliança*, da qual participava o *Império Otomano*, foi derrotada. O objetivo formal do sistema de mandatos da Liga das Nações foi justamente o de administrar os territórios integrantes do extinto Império Otomano, que dominara o Oriente Médio desde o Século XVI.

Em 16 de Setembro de 1922, com o consentimento da Liga das Nações, o Reino Unido dividiu o território em duas áreas administrativas:

- *Palestina*, a oeste do rio Jordão, que ficaria sob domínio britânico direto até 1948;
- *Transjordânia*, a leste do Jordão, que seria uma região semi-autônoma, governada pela família hachemita do Hejaz, na atual Arábia Saudita, de acordo com a Correspondência Hussein-McMahon de 1915.

**Danielly Jesus**

O mandato terminou em 14 de maio de 1948. No último dia do mandato, a criação do Estado de Israel foi proclamada.

Após a adoção da *Resolução 181* pela ONU em 29 de Novembro de 1947, recomendando a adesão e implementação do *Plano de Partilha da Palestina* para substituir o *Mandato Britânico*, em 14 de Maio de 1948, *David Ben-Gurion*, o chefe-executivo da *Organização Sionista Mundial* e presidente da *Agência Judaica para a Palestina*, declarou o *estabelecimento de um Estado Judeu em Eretz Israel, a ser conhecido como o Estado de Israel*, uma entidade independente do controle britânico.

As nações árabes vizinhas invadiram o recém-criado país **NO DIA SEGUINTE**. Israel, desde então, travou várias guerras com os Estados árabes circundantes, no decurso das quais ocupou os territórios da Cisjordânia, península do Sinai, Faixa de Gaza e colinas de Golã. Partes dessas áreas ocupadas, incluindo Jerusalém Oriental, foram anexadas por Israel, mas a fronteira com a vizinha Cisjordânia ainda não foi definida de forma permanente.

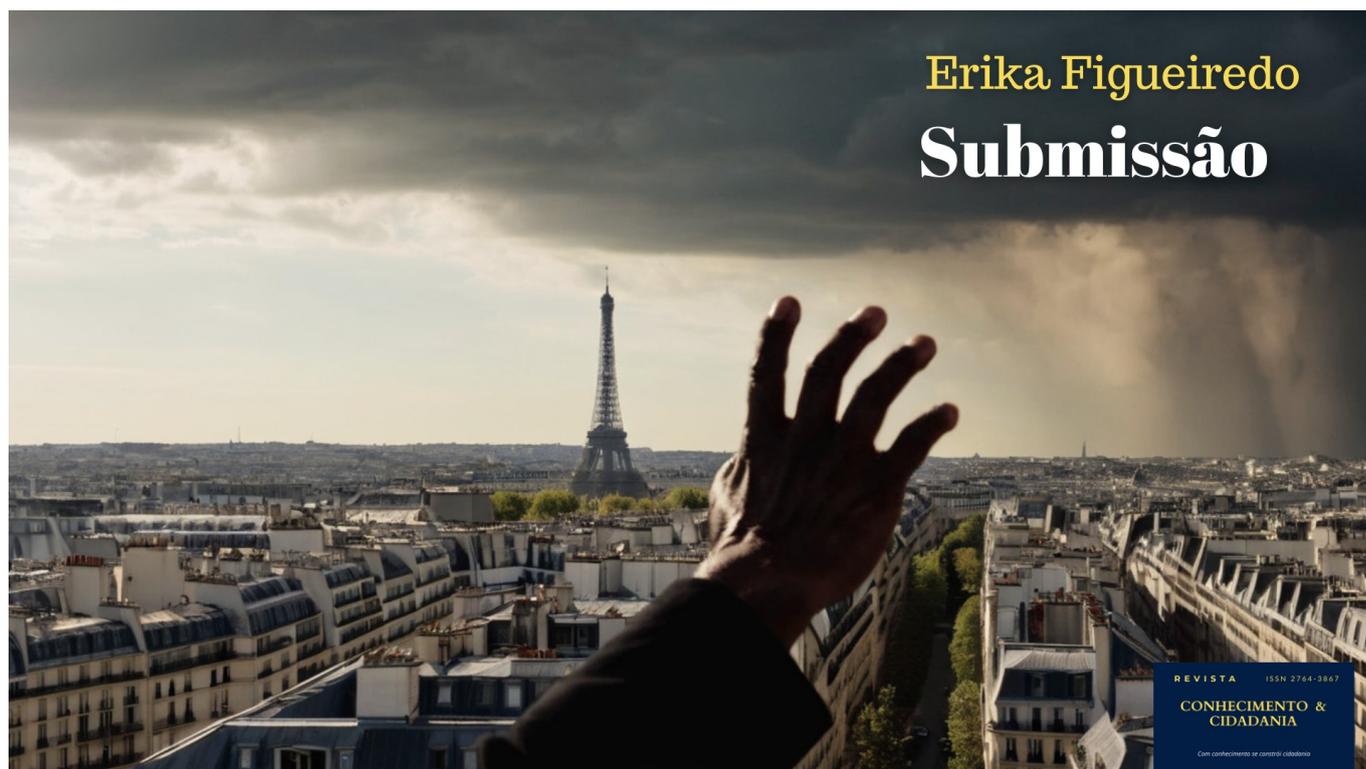
Israel assinou tratados de paz com Egito e Jordânia, porém os esforços para solucionar o conflito israel-palestino até agora não resultaram em paz.

Não tratarei neste artigo sobre as falas antissemitas proferidas pelo mandatário da república, pois após o leitor conhecer a história do povo judeu, não restará dúvidas de que Israel há milênios apenas luta por seu direito de existir.

[Conheça nosso blog!](#)



## Submissão



Esse é o título em português, de um livro que está dando o que falar. Trata-se de uma distopia, criada por Michel Houellebecq – escritor e poeta francês dos mais importantes de sua geração – que descreve uma França agora dominada por árabes, cujo presidente é islâmico e começa a adotar medidas drásticas, como transformar todas as instituições acadêmicas do país em escolas e universidades de ensino muçulmano obrigatório.

Tudo começa quando Ben Abbes, um candidato a Presidente da República, aparentemente inexpressivo e inofensivo, integrante da Fraternidade Muçulmana, torna-se o favorito nas eleições, indo para o segundo turno, com promessas de um governo moderado e uma igualdade maior entre os moradores da França.

Inicia-se, a partir deste momento, uma verdadeira revolução no país, com uma onda de violência desmedida, incêndios a ônibus e locais públicos, estabelecimentos fechados, caos urbano e criminalidades acentuadas. Islâmicos insatisfeitos resolvem reivindicar seus direitos, acuando e ameaçando a população.

E o pior acontece. E o horror se instala. E professores universitários são demitidos, funcionários públicos exonerados, cidadãos perseguidos...do dia para a noite, as regras do jogo mudam, com mudanças drásticas e em ritmo alucinado, pipocando aqui e ali.

*Erika Figueiredo*

François, o protagonista do livro, um professor de filosofia entediado e um tanto quanto perdido, refugia-se em uma cidadezinha do interior, de onde assiste, perplexo, ao que está acontecendo ao seu redor.

A narrativa do livro – cujo título remete à submissão do povo francês ao novo regime – nos remete a outras distopias, como 1984 e Admirável mundo Novo, nas quais o regime de governo muda, alterando de forma avassaladora as vidas das pessoas.

Temos visto isso tudo acontecer no mundo, muitas vezes debaixo de nossos olhos e até sem nos darmos conta. As regras do jogo da política mudam o tempo todo e com a globalização, tudo tornou-se possível.

A Venezuela e a Argentina, de países prósperos e modelos de administração na América Latina, face às recentes gestões políticas que tiveram e ao golpe político sofrido pela primeira, mergulharam em um poço sem fundo, com sua população empobrecida, buscando comida no lixo e comendo até cachorros, para sobreviver, implorando por refúgio nos países vizinhos, na falta de outras alternativas.

O Irã, até 1979 uma ilha de prosperidade, face ao petróleo e outros recursos naturais, foi arremessado para o terror dos extremistas islâmicos – os aiatolás – tornando-se uma ditadura sanguinária e um país completamente fechado ao Ocidente. O presidente deposto, para não ser assassinado, precisou fugir.

A Rússia invadiu a Ucrânia, reivindicando para si o país, gerando morte e destruição em larga escala, fuga de sua população e a discussão, na OTAN e na ONU, sobre o que deve ser feito, para que Vladimir Putin seja contido e não avance sobre o Ocidente.

Coreia do Norte e China estão aliadas, querendo impedir a autonomia da Coreia do Sul, que passou por eleições recentemente, elegendo um democrata.

O Hamas cometeu um ataque surpresa a Israel, em outubro, assassinando mais de mil e quatrocentos israelitas e sequestrando 240, dos quais quase cento e quarenta ainda se encontram em seu poder. São os extremistas islâmicos, como EI, Hamas, Hezbollah e outros, que pretendem dominar e subjugar o mundo Ocidental.

Praticamente todos os regimes dos países acima citados, a fim de manterem-se no poder, roubam, matam, corrompem, assassinam reputações, prendem, perseguem, expulsam de seu território, aqueles que não concordam com as suas regras do jogo.

O Brasil, pobre Brasil, também passa por uma crise sem precedentes em sua democracia, a qual vem sendo atacada e vilipendiada diariamente, pelos três Poderes.

**Erika Figueiredo**

Para onde quer que se olhe, poderá ser visto um cenário preocupante, a possibilidade de acontecimentos trágicos, com impactos em toda a população e um risco real de utilização de armas químicas, face às guerras já deflagradas.

A SUBMISSÃO de que trata o livro, nunca esteve tão próxima de todos nós. Distopia ou realidade? Não sei. O desenrolar dos acontecimentos dirá. Só espero que o mundo encontre o seu trilho outra vez, a fim de que não tenhamos uma Terceira Guerra Mundial a caminho.

[Siga-nos no canal do whatsapp](#)



## Tempus Veritatis



Houve um tempo em que a educação era a plataforma que retirava o ser humano da indigência intelectual e descortinava um horizonte de possibilidades de crescimento, essencialmente no campo intelectual, mas que trazia como conseqüências o sucesso social e o progresso econômico. Aquele tempo parece ter sido deixado para trás em nome de outras pautas e novos interesses que emergiram nos últimos 70 anos.

Ao longo da história, várias abordagens educacionais têm sido desenvolvidas para cultivar o pensamento crítico, a criatividade e o conhecimento em diversas áreas do saber. Entre essas abordagens, destacou-se o método *Trivium* e o *Quadrivium*, que desfrutaram de grande prestígio na educação clássica por séculos, moldando o pensamento e a prática educacional em diferentes culturas e períodos.

O método *Trivium* e *Quadrivium* remonta à antiguidade clássica, mais especificamente à Grécia e Roma antigas, onde foi desenvolvido como parte fundamental da educação aristocrática. O termo "*Trivium*" deriva do latim, significando "as três vias" ou "as três artes" e refere-se às três disciplinas fundamentais: gramática, lógica (ou dialética) e retórica. O "*Quadrivium*", por sua vez, abrange quatro áreas: aritmética, geometria, música e astronomia.

**Maurício Motta**

Partindo do *Trivium*, inicialmente, os alunos aprendiam a linguagem e sua estrutura, incluindo vocabulário, sintaxe e regras gramaticais. Essa fase da educação focava na compreensão das palavras e na habilidade de ler e escrever corretamente.

Após dominar a gramática, os estudantes avançavam para a lógica, onde aprendiam a arte do raciocínio. Isso envolvia a análise de argumentos, identificação de falácias e desenvolvimento geral do pensamento.

A última etapa do *Trivium* era a retórica, que se concentrava na arte da comunicação persuasiva. Os alunos aprendiam a expressar suas ideias de forma convincente, utilizando técnicas de argumentação e eloquência.

Chegando ao *Quadrivium*, o aluno era apresentado aos estudos da aritmética, geometria, música e astronomia.

A aritmética, disciplina que abrange o estudo dos números e das operações matemáticas básicas, como adição, subtração, multiplicação e divisão.

A geometria, onde os alunos exploravam as propriedades e relações dos objetos no espaço, incluindo formas, ângulos, áreas e volumes.

Na música, além de abordar aspectos práticos, como harmonia e ritmo, esse componente também incluía o estudo teórico da música, como acústica e teoria musical.

Por fim, a astronomia envolvia o estudo dos corpos celestes, suas órbitas e movimentos, bem como sua relação com o tempo e a medida.

Adquiridos estes conceitos preliminares, conhecimentos e habilidades, o ser humano estava minimamente preparado para compreender o mundo em que vivia e, tinha melhores condições de lidar com as relações sociais, políticas e econômicas de seu tempo.

O método *Trivium* e *Quadrivium* alcançou seu apogeu na Europa medieval, onde formou a base da educação em mosteiros e universidades. Escolas renomadas, como a Universidade de Oxford e a Universidade de Paris, adotaram esse método, influenciando a educação em toda a Europa.

Com o tempo, a revolução científica e industrial do século XVIII e XIX impulsionou ainda mais a mudança na educação, com um foco crescente em disciplinas como ciências naturais, engenharia e economia. O método *Trivium* e *Quadrivium*, então, foi gradualmente relegado ao status de curiosidade histórica, sendo substituído por modelos educacionais mais modernos e especializados.

Por outro lado, o *Positivismo*, uma corrente filosófica e científica que emergiu no século XIX sob a liderança de Auguste Comte, teve um impacto profundo na educação, contribuindo significativamente para o declínio dos métodos *Trivium* e *Quadrivium* que haviam dominado a educação por séculos.

**Maurício Motta**

O *Positivismo* enfatizava a importância do método científico e da observação empírica como a base para o conhecimento legítimo. Defendia a ideia de que somente as informações obtidas por meio da experiência sensorial direta e da análise racional deveriam ser consideradas como válidas. Comte propôs uma hierarquia das ciências, com as ciências mais abstratas, como a matemática, a física e a química, ocupando o topo, enquanto as ciências sociais, como a sociologia, estavam no nível mais baixo.

Esses princípios do positivismo tiveram profundas implicações para a educação. O ensino baseado na observação e na experimentação ganhou destaque, deslocando a ênfase tradicional nas humanidades e nas disciplinas clássicas do *Trivium* e *Quadrivium*. A educação tornou-se mais voltada para o estudo das ciências naturais e aplicadas, refletindo a crença de que essas áreas forneceriam o conhecimento mais útil e confiável para o progresso da sociedade.

O advento do *Positivismo* coincidiu com uma mudança mais ampla na percepção do conhecimento e da educação. Os métodos *Trivium* e *Quadrivium*, baseados em disciplinas clássicas como gramática, retórica, música e astronomia, foram considerados cada vez mais como antiquados e inadequados para atender às necessidades de uma sociedade em rápida transformação.

O *Positivismo* exerceu uma influência profunda na educação do século XIX, promovendo uma mudança de paradigma em relação aos métodos educacionais tradicionais como o *Trivium* e *Quadrivium*. Ao enfatizar a primazia da ciência e da observação empírica, o *Positivismo* desafiou as premissas subjacentes à educação clássica e contribuiu para sua gradual substituição por modelos educacionais mais orientados para as ciências naturais e sociais.

Em outra reviravolta para a educação, surge o *Gramscismo* no início do século XX, principalmente durante as décadas de 1920 e 1930. Antonio Gramsci, foi um importante teórico marxista e político que viveu entre 1891 e 1937. Ele desenvolveu suas ideias principalmente durante o período entre guerras, quando estava envolvido com o movimento comunista na Itália.

Gramsci escreveu extensivamente sobre questões políticas, sociais e culturais, e suas obras mais conhecidas, como os "*Cadernos do Cárcere*", foram produzidas durante seu período de prisão sob o regime fascista de Mussolini, entre 1926 e 1937. Foi nesse contexto que ele desenvolveu suas teorias sobre hegemonia, cultura e política.

Gramsci argumentava que a classe dominante mantinha seu poder não apenas através da coerção física, mas também pela disseminação de suas ideias e valores através da cultura. Ele cunhou o termo "hegemonia" para descrever o processo pelo qual a classe dominante estabelece sua autoridade moral e intelectual sobre a sociedade, moldando as percepções e valores comuns.

**Maurício Motta**

No contexto da educação, os seguidores de Gramsci aplicam essas ideias ao examinar como as instituições educacionais reproduzem e perpetuam as desigualdades sociais. Eles argumentam que o sistema educacional não é neutro, mas reflete e reforça as relações de poder existentes na sociedade.

Eles enfatizam a importância da educação como uma ferramenta para capacitar os grupos marginalizados e promover a transformação social.

Em resumo, o *Gramscismo* representa uma interpretação das ideias marxistas que destaca o papel central da cultura e da educação na reprodução das relações de poder.

Avançamos um tanto mais e chegamos a 2024. Época em que os educadores e educandos são desafiados a enfrentarem novos paradigmas, reais ou imaginários, num processo que tem posto sob julgamento a finalidade da educação e seus métodos. Assim, ao longo da história, nos nutrimos no *Trivium* e *Quadrivium*, fomos anestesiados pela influência do *Positivismo* e, desaguando no pântano do *Gramscismo*, agora somos desafiados a existir como sociedade.

Particularmente o ano de 2024 é decisivo e desafiador para o Brasil, porque coincide com o processo que levará à aprovação de um plano decenal para a educação brasileira, o *Plano nacional de Educação* (PNE 2024 – 2034). Para a elaboração desse plano, foi necessária, entre outras ações, a preparação e execução de uma conferência que estabeleceu as bases para a elaboração do plano de abrangência nacional, a *Conferência Nacional de Educação* (CONAE 2024). Tudo muito organizado, estudado, discutido, elaborado e com consequências nacionais e decenais.

Certamente o PNE 2024 -2034 deveria ter seu foco integralmente direcionado para a melhoria da qualidade da educação nacional, que se encontra atualmente entre os piores resultados do PISA, que é uma sigla que se refere ao *Programa Internacional de Avaliação de Estudantes* (Programme for International Student Assessment, em inglês). É uma iniciativa da *Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico* (OCDE) que visa avaliar o desempenho de estudantes de 15 anos de idade em diferentes países ao redor do mundo. O Brasil está em 64º lugar em matemática, 53º em leitura e 61º em ciências entre as 81 nações avaliadas. O resultado é pior que o de Uruguai, Chile, México e Costa Rica. Mas...

Na introdução do “*Documento Referencia*”, elaborado durante a CONAE – 2024, que servirá de base para o *Plano Nacional de Educação* (PNE 2024 – 2034) já é possível entender um de seus objetivos, reagir contrariamente às mudanças propostas durante os governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro, ali chamados de ultraconservadoras e de extrema direita. **“Os retrocessos na agenda nacional, iniciados no governo Temer e aprofundados na gestão Bolsonaro, acentuaram políticas, programas e ações neoliberais, ultraconservadoras, como expressões hegemônicas do ideário da extrema direita.**

**Maurício Motta**

*No período de 2016/ 2022, houve o aprofundamento da crise institucional e a restrição a direitos e conquistas, cuja materialidade maior, decorrente do impeachment, foi a promulgação da EC nº 95, de 2016, que instituiu um novo e restritivo regime fiscal. No governo Bolsonaro se intensificaram ações e políticas que impingiram fortes obstáculos e retrocessos à democracia, à participação social e à garantia dos direitos sociais”* (pág. 12). Uma leitura honesta deste documento traz algumas reflexões e perguntas: quem definiu que aqueles governos foram ultraconservadores e de extrema direita? Onde ocorreram restrições a direitos e conquistas? Caso isto tivesse realmente ocorrido, o judiciário brasileiro ou outros grupos interessados não teriam agido prontamente? A introdução não recorda que as restrições impostas pela Emenda Constitucional 95 foram necessárias exatamente pela catástrofe advinda do governo Dilma Rousseff? A introdução reforça a ideia de um ataque à educação buscando inculcar a ideia de que não deve haver limites orçamentários quando o assunto é educação. Mas o que o autor do texto chama de “*austericídio*”, é na verdade o remédio amargo à doença provocada pelos devaneios socialistas de um governo que falhou miseravelmente em sua tarefa de bem gerir o erário público, em favor do progresso coletivo de seu povo. Diz a introdução: **“Em consequência, foi afirmada uma política de “austericídio” fiscal que se aprofundou na última década, desde a aprovação da Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016, do Teto de Gastos, comprometendo de maneira crítica os recursos da educação e o cumprimento do PNE (...)”** (pág. 12). Gerir com austeridade e estabelecer um teto de gastos é visto como um comprometimento crítico...

Adiante, o “*Documento Referencia*” apresenta outros elementos de sua proposta de melhoria para a educação brasileira:

712. 2.17. **“Desenvolver e ampliar programas de formação inicial e continuada em sexualidade e diversidade, visando a superar preconceitos, discriminação, violência sexista e LGBTQIAPN+fobia no ambiente escolar, e assegurar que a escola seja um espaço pedagógico livre e seguro para todos(as), garantindo a inclusão e a qualidade de vida”** (pág.114). A pergunta é, de que forma nossas crianças e adolescentes serão doutrinados através dos programas de formação inicial e continuada? Ainda que dirigidos aos docentes, este programa terá como público-alvo os alunos. Matemática, leitura e interpretação de textos, ciências, quem importam? O que nossos jovens têm necessidade é do seu alinhamento com pautas identitárias que tanto tem ocupado espaço em todas as mídias.

E por falar em mídias, 644. **“É preciso enfrentar e superar formas estruturais de preconceito e discriminação e formas de violência contra as instituições educativas, seus (suas) trabalhadores (as) / profissionais e estudantes, como, por exemplo, movidas por ideologias extremistas e de exaltação do ódio, com bases no supremacismo branco, racismo, capacitismo, misoginia, xenofobia, LGBTQIAPN+fobia, fascismo e neonazismo, assim como sua disseminação por meio de meios digitais**

**Maurício Motta**

– *que necessitam de regulação*” (pág. 105). Em meio a um discurso de combate a questões que são importantes para a construção de uma sociedade mais harmônica, onde ressaltamos, quem em sua consciência seria contra aquelas questões? Eis que surge um elemento alienígena à melhoria dos índices da educação nacional: a regulação das mídias digitais.

**646. “Ataques de violência extrema em instituições educativas no Brasil têm sido estudado por diferentes pesquisadores e grupos de trabalho. Em síntese, os ataques são premeditados e realizados por indivíduos jovens, brancos, do sexo masculino e que alimentam algum sentimento negativo em relação à escola. De maneira geral, são sujeitos que manifestam gosto pelo uso de armas associado à violência, agressividade e participam de grupos que disseminam discurso de ódio nas plataformas digitais (...) (pág. 105)”**. Os alvos já estão definidos, jovens, brancos, do sexo masculino. Quem são os pesquisadores? Que grupos de trabalho são esses? Quem patrocinou os estudos? Onde podem ser consultados seus métodos, recortes estatísticos e resultados? A questão das armas, pauta tão cara ao governo Bolsonaro no sentido de manutenção da liberdade e dos direitos individuais, é colocada no mesmo contexto da violência escolar. Há método!

Quais são os dados empíricos que dão base à existência de fascismo, nazismo, racismo, supremacismo branco, ideologias extremistas e de exaltação do ódio, de forma tão estruturada que careça de sua inclusão no PNE? Já não fazem parte do escopo do nosso Código Penal? Não parece a importação pura e simples de questões problemáticas em países europeus ou dos EUA? Querem mesmo nos fazer crer que no Brasil, um país onde, segundo dados do IBGE, aproximadamente 56% dos brasileiros se identificam como negros, pardos, indígenas ou descendentes de asiáticos. Por outro lado, aproximadamente 44% dos brasileiros se identificam como brancos. Reforçando o ponto, em um país onde a minoria é branca, onde a miscigenação é uma característica básica, o PNE deve olhar para o nazismo, o fascismo e o racismo como pontos fundamentais de combate para a melhoria da qualidade da educação?

Poderíamos atravessar páginas e páginas elencando e comentando recortes do texto do “*Documento Referencia*”, mas não o faremos pois já atingimos o ponto que desejamos. Enquanto nos distraímos com prisões de nomes importantes do cenário político nacional, operações de busca e apreensão com nomes chamativos, elementos de pirotecnia que desviam a atenção, e outras tantas ‘*quase notícias*’, a esquerda segue seu projeto. O PNE será aprovado ao longo de 2024 e os nomes fortes da oposição, ou seja, os políticos vinculados à direita, ou ao conservadorismo, ou ainda as meretrizes da política, que vendem seu apoio em troca de cargos, verbas ou outras benesses, onde estão? O que têm feito para evitar ou ao menos minimizar os danos desta tragédia anunciada? Estão certamente ocupadas com a pirotecnia esquerdista. Como não cansamos de repetir, “*(...) ocupar a presidência do Brasil é*

**Maurício Motta**

*apenas ocupar um espaço, dentre tantos outros possíveis. Conquistamos o ponto mais alto, nos falta conquistar os mais importantes.*” (Revista C&C, edição I). A educação e a cultura são pontos nevrálgicos para a manutenção de uma política de Estado com pretensões de durabilidade. Não que devamos desconsiderar as Blitzkrieg da esquerda, mas precisamos operacionalizar frentes de trabalho com olhos voltados para 10, 20, 30 anos adiante, assim como nossos adversários vem fazendo a décadas. A esquerda não descansa, a esquerda não desiste, a esquerda não brinca de conquistar o poder. Enquanto temos nos ocupado de afugentar os cães que ladram, a caravana do PNE passa, em silencioso e premeditado desfile.

Chegou a hora da verdade para a educação brasileira, precisamos acordar nossos deputados e senadores, pois o tempo é curto e a verdade é dura.

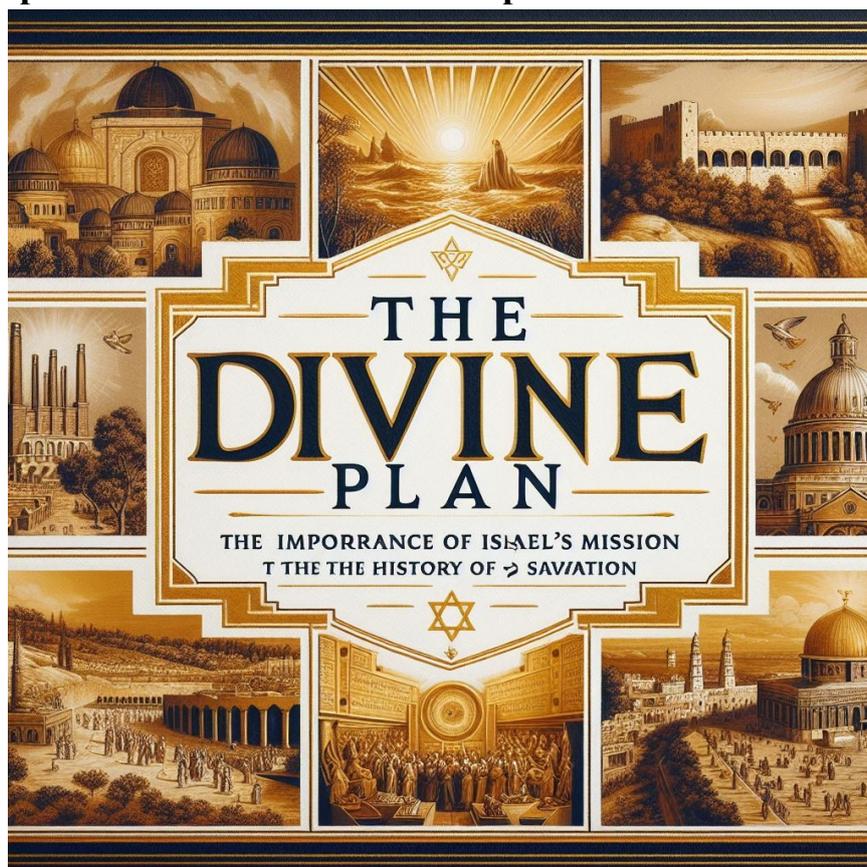
Referência bibliográfica:

<https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conferencias/conae-2024/documento-referencia.pdf>

#### Nosso canal



## A Importância da Missão de Israel para a História da Salvação



### Introdução

A missão de Israel, conforme descrita na Bíblia, é de suma importância para a História da Salvação. A Aliança firmada entre Deus e Israel em Êxodo 19, 5-6 não apenas trouxe bênçãos e privilégios, mas também responsabilidades significativas. Israel foi chamado para ser o sacerdócio real perante as nações da terra, com a tarefa de anunciar e ensinar a Lei de Deus.

### O Chamado Missionário de Israel

A escolha de Israel para ser alvo da revelação da Lei e das bênçãos divinas tinha por finalidade fazer que o Senhor Javé se tornasse conhecido entre todos os povos. O Salmo 68 ilustra que as bênçãos pactuais geravam uma obrigação missionária de Israel perante as nações. A consciência missionária de Israel é vívida no livro dos Salmos, onde há várias convocações para que as nações louvem ao Senhor.

Esta bênção é vista como a promessa do Evangelho, a boa notícia da salvação disponível para todos através de Jesus Cristo.

### A Revelação Divina e a Responsabilidade de Israel

As Escrituras deixam claro que a revelação divina não se deu por causa de e nem apenas a Israel, mas que esse povo, de posse dos propósitos do Senhor, deveria comunicá-los a todos. Em Abraão, Deus

*Juliette Oliveira*

deixa evidente que o propósito do chamado não era tornar Israel uma nação populosa ou poderosa em si, mas, abençoar todas as famílias da terra (Gn 12, 3).

### **A Missão de Israel na Perspectiva do Novo Testamento**

Paulo, em Gálatas 3, 8, lança luz sobre o significado de: “em ti serão benditas todas as famílias da terra”: “Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o evangelho a Abraão: Em ti, serão abençoados todos os povos”. Assim, sem dúvida, estamos no ponto central do evangelho e missões em ambos os Testamentos. Aprouve a Deus manifestar primeiramente a Israel sua aliança para que este anunciasse ao mundo a mensagem da reconciliação com Ele.

### **Israel e os Atentados do Hamas**

No entanto, a realidade contemporânea apresenta desafios significativos para esta missão. Os atentados do Hamas contra Israel representam um obstáculo significativo para a paz e a reconciliação. O Hamas, um grupo militante palestino, tem lançado ataques contra Israel, levando a uma resposta militar de Israel. Estes conflitos têm resultado em perdas significativas de vidas e infraestruturas, criando um ambiente de medo e desconfiança.

### **Israel Ainda Segue Sua Missão?**

A questão que surge é se Israel ainda segue sua missão original em meio a esses conflitos. A resposta a essa pergunta pode variar dependendo da perspectiva. Alguns podem argumentar que Israel, ao se defender contra os ataques do Hamas, está preservando a nação e o povo através dos quais a bênção de Deus é manifestada. Outros podem argumentar que a resposta militar de Israel e o tratamento dos palestinos contradizem a missão de ser uma “nação santa” e um “sacerdócio real”.

A missão de Israel, portanto, é fundamental para a história da salvação. Através de sua aliança com Deus, Israel foi encarregado de levar a mensagem de Deus ao mundo, uma tarefa que continua até hoje através da igreja. A história da salvação, portanto, é inseparável da missão de Israel. Através de Israel, todas as famílias da terra foram abençoadas, cumprindo a promessa de Deus a Abraão e demonstrando o amor de Deus por toda a humanidade.

É importante refletir sobre estas questões e considerar como a missão original de Israel se encaixa no contexto contemporâneo. A situação no Oriente Médio é complexa e não há respostas fáceis. No entanto, a esperança permanece na promessa de Deus de abençoar todas as famílias da terra através de Israel. Como essa bênção se manifestará no futuro é uma questão que só o tempo dirá.

## Onde está Deus?



Está aí, uma pergunta secular que tem ecoado em todas as áreas do conhecimento humano. Nem é preciso dizer que as respostas são muitas, desde antes do cristianismo o conceito de Deus, é muito explorado em perguntas e respostas que variam do ateísmo ao mais requintado Teísmo.

Eu poderia explorar bem o tema em suas várias possibilidades, mas a ideia é sempre refletir, pois longe de mim ter a pretensão de ter as respostas e indicar alguma verdade absoluta.

De um aspecto espiritualista alguém diria que Deus está no céu, nos corações dos seres humanos e até mesmo em todos os lugares. Talvez em um aspecto mais sutil, alguém diria que Deus está nas palavras e ações de bondade de cada pessoa, em fim, onde está Deus?

Separei uma frase famosa que sempre acompanha esta pergunta e que cabe muito bem nesta reflexão: Onde está Deus que não vê os males do mundo?

Uma resposta seria dizer que Deus está nos lugares onde há bondades no mundo, mas o ser humano prefere a maldade, mas não seria um bom caminho para refletir sobre a pergunta, pois essa resposta tende a dar um fim a questão onde cabem muitas outras respostas.

Existe uma ferramenta na filosofia que é muito útil nesses momentos, em linhas gerais, vamos qualificando e aproximando a pergunta para a nossa capacidade intuitiva de responder.

**Edson Araujo**

Podemos então perguntar onde está Deus que não vê os males do mundo, do ocidente, do continente, do país, do estado, da cidade, do bairro, da rua onde moro, da minha família e por fim os males que me acometem.

Para todas as perguntas a resposta mais próxima parece a mesma pois, quem causa os males? Deus ou o ser humano? Na mesma proporção, os atos de bondade que são belíssimos também são protagonizados pelo ser humano. Afunilando ainda mais, em todos os níveis da pergunta o ser humano está presente. Cabe aí mostrar o quanto estamos longe de um conceito mais fraternal e próximo do egoísmo.

Quando algo acontece de ruim aos outros o mal está distante, de maneira ilusória não aconteceu comigo; lembremos que se algo acontece ao sol que está tão distante, nos atinge como se estivesse ao lado.

Veja, se o sol parar morremos, se o coração parar também, nesse ângulo, o coração seria o sol em nós. - um reflexo dele -

No momento em que meu coração está morrendo, logo penso: estou morrendo!

Agora já não é algo fora de mim nem dentro, agora sou eu.

Nas poucas linhas que escrevi, podemos perceber que de um Deus tão distante que não vê os males do mundo, chegamos em um ponto onde Deus está dentro de mim. (lembremos que as pessoas dizem que somos anjos que as ajudaram quando em situações difíceis, embora não seja os literalmente anjos).

Claro que é uma metáfora, pois o que quero mostrar é que Deus está onde estou, se em minhas ações o represento.

Se chegamos a conclusão de que Deus não está presente pelos males que vemos e os tais males são praticados por seres humanos, então concluiremos também que para que ele se faça presente é fundamental que se faça o bem; e quem é esse agente do bem? Sim, o próprio ser humano.

Nessa linha de reflexão perguntar onde está Deus é o mesmo que perguntar onde está o ser humano que não resolve as maldades; e aprofundando ainda mais, onde estou eu que ao me deparar com uma maldade ou injustiça, não me manifesto para mudar o quadro? (Já que sou um ser humano e então, um agente do bem).

Estamos tão distantes de assumir nossas responsabilidades que culpamos até mesmo nosso criador pelos males que nós mesmos causamos; estamos tão acostumados a ver soluções nos outros e a culpar os outros que nem pensamos se podemos nós mesmos resolver nossos problemas.

Em nosso momento histórico, cabe, orações, rezas, preces e tudo o mais que nos ajude a buscar solução para os males que afetam nossa sociedade, mas não nos enganemos, a solução está em nós!

**Edson Araujo**

Esse é mais um chamado a autorresponsabilidade, sejamos nós os portadores das virtudes e valores que queremos para nossa sociedade.

Somos ainda um paciente com muitas dificuldades nesta UTI, chamada história, mas não estamos desenganados.

Há ainda tratamento para nossa sociedade e lembremos que para melhorar um grupo é preciso melhorar a cada indivíduo que compõe esse grupo.

Tenhamos um propósito em nós mesmos: De sermos cidadãos cada vez mais comprometidos com nossa nação.

Como escreveu o apóstolo Paulo em [2 Coríntios 4:8-18](#):

*“Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; trazendo sempre por toda parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos”*

Que Deus abençoe nossa jornada!

[Nosso perfil no Tiktok](#)



# Caderno ABRAJUC



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE JURISTAS CONSERVADORES

A Associação Brasileira de Juristas Conservadores – ABRAJUC, é uma entidade apartidária, que congrega profissionais de diversas áreas do Direito, em todo território nacional, tendo sido criada com o objetivo de estudar e difundir os valores do conservadorismo. Como tal, defende as instituições consolidadas, tanto as públicas, quanto as referentes à família e valores morais do povo brasileiro.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE JURISTAS CONSERVADORES

## NOTA PÚBLICA

A *Associação Brasileira de Juristas Conservadores - ABRAJUC*, entidade que congrega profissionais dos diversos ramos do Direito, unidos em torno dos valores e princípios consagrados na Constituição da República Federativa do Brasil, vem a público, mais uma vez, **manifestar sua preocupação** com as recentes decisões proferidas pelo Excelentíssimo Senhor Ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal.

Em decisão prolatada nos autos da Petição 12.100 - DF, relativa à denominada operação *Tempus Veritatis*, o Excelentíssimo Ministro decidiu pela proibição dos investigados manterem contato entre si, abrangendo inclusive os Advogados dos mesmos.

A ABRAJUC entende, em minuciosa análise e ponderação de princípios, que a supracitada decisão viola e atinge frontalmente a liberdade e as prerrogativas dos próprios Advogados, uma vez que não poderão manter comunicação profissional com os Advogados dos demais investigados, ferindo, nessa esteira, o Estatuto da Advocacia e da Ordem dos Advogados do Brasil e, principalmente, a Constituição da República, notadamente no que diz respeito ao princípio penal e constitucional da intranscendência da pena.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE JURISTAS CONSERVADORES

Portanto, a ABRAJUC concita, mais uma vez, que as autoridades públicas brasileiras se voltem à observância das leis, para estrito cumprimento de suas missões constitucionais e preservação das instituições democráticas, buscando sempre a autocontenção tão necessária aos membros dos poderes constituídos, especialmente àqueles que se arvoram como guardiões da Constituição Federal.

***Associação Brasileira de Juristas Conservadores***  
***República Federativa do Brasil, 11 de fevereiro de 2024***

# Caderno Variedades



Neste caderno encontrarão sugestões culturais. Dicas de filmes, livros, poemas, música.

**Edição realizada por Edson Araujo e Leandro Costa**

# Dica de Documentário



## ALÉM DA LIBERDADE - A Vida de Viktor Frankl

### Sinopse

Conheça a história de Viktor Frankl, um dos psiquiatras mais importantes da história e sobrevivente do Holocausto. Em um campo de concentração, Frankl viveu o inferno na terra e descobriu que a vida tem sentido, mas somos nós que devemos buscá-lo.

### Nossa opinião

Um documentário que conta a trajetória de vida do psiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl, um dos judeus que sobreviveu ao holocausto, passando pelo famigerado campo de concentração de Auschwitz. A obra relata dilemas da vida de Viktor e como sua fé e esperança em reencontrar seus entes queridos foram fundamentais para que superasse uma experiência terrível, apresentando também a crueldade de homens, nazistas e outros, que trouxeram à terra uma faceta do inferno.

Em um momento no qual presenciamos a banalização de um episódio tão diabólico é importante observar um relato que nos faz aprender para evitar que a humanidade cometa maldades do tipo, bem como, preservar na memória o sofrimento infringido naquela ocasião.

REVISTA

ISSN 2764-3867

# CONHECIMENTO & CIDADANIA

*Com conhecimento se constrói cidadania*

## SIGAM-ME

*Nas redes sociais*



Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania



revistaconhecimentocidadania@gmail.com



@revistaconhecimentocidadania



@revistaconhecimentocidadania



@RevConhecimento



